



EIXO 11: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DO ENSINO NO SÉCULO XXI

SEGURANÇA E VIGILÂNCIA DO TRABALHO DOCENTE: FORMAS DE CONTROLE EM CONTEXTO CONSERVADOR

Willian Dalmagro Braga
UFRGS
willian.braga00@gmail.com

Catarina Almeida dos Santos
UnB
cdealmeidasantos@unb.br

Resumo

Frente ao avanço do pensamento conservador nos cenários político e educacional brasileiros ao longo dos últimos anos (Lacerda, 2019; Pinheiro-Machado, Vargas-Maia, 2023), o presente trabalho analisa os temas “segurança” e “vigilância do trabalho docente” circulam no cotidiano das escolas públicas brasileiras como operadores do discurso conservador. Através da pesquisa “O avanço conservador na educação: como comunidades escolares articulam discursos hegemônicos conservadores”, financiada pelo CNPq, foram feitas 75 entrevistas com docentes, gestores/as e familiares de diferentes regiões do país. Por meios dessas, entendeu-se que a segurança é tratada nas escolas de forma distinta àquelas apresentadas por grupos conservadores, se distanciando de uma espetacularização e focando em problemas cotidianos da realidade das escolas. Contudo, através da análise, ainda assim, existe um eco do argumento conservador quanto à violência por parte de discentes e pela vigilância do trabalho docente por famílias, por vezes, se apresenta como instrumento a favor da segurança. Na perspectiva de atores conservadores, as escolas costumam ser representadas como espaços intrinsecamente perniciosos, frequentemente vinculados a questões sociais como o uso de drogas e a violência, de forma que são pintadas como fonte de criminalidade (Lima et al, 2025). Diante disso, setores conservadores têm sugerido políticas como a militarização como resposta à chamada "violência escolar", com o objetivo de proteger os estudantes. Embora não seja explícito, esse argumento expõe seu caráter classista e racista, visto que a militarização ocorre em escolas periféricas, em que sua maioria é composta por jovens pretas/os e pobres. Em outra perspectiva, a segurança é relacionada com uma falha na

segurança pública de responsabilidade do Estado, o que também contribui para a concentração de autoridade em agentes estatais, como as Forças Armadas e a polícia militar — dados, historicamente, como neutros pela perspectiva conservadora na América Latina (Sanahuja; Burian; Vitelli, 2023). Por outro lado, nas entrevistas, a segurança emerge como uma preocupação com situações da realidade das comunidades escolares. É o caso de instituições educacionais localizadas em comunidades mais vulnerabilizadas, regiões que convivem com problemas de segurança pública, como assaltos e tráfico de drogas, conforme expõe o trecho a seguir:

Porque aqui na escola não tem nenhum sistema de segurança. Por exemplo, a gente não tem grades, não tem homens trabalhando aqui na escola, a gente não tem nenhum guarda ou nenhuma ronda policial aqui. A gente não tem isso. Então a gente tem que trabalhar na perspectiva de tentar proteger a criança, tentar acolher a criança, tentar conversar com essa família e não se colocar em risco. (Professor/a, Jaboatão)

Ainda assim, o discurso conservador ecoa nas comunidades escolares quando as/os estudantes são colocadas/os como fonte de medo e desconfiança:

O turno noturno é o turno que nos assusta mais. Pelo menos no início do ano geralmente é assim. É um público que a gente não conhece, a gente percebe às vezes até o desconforto por parte até dos estudantes, por alguns integrantes que vêm aqui, que a gente acredita que seja envolvido com coisas lá fora e tudo mais. (Professor/a, Salvador)

Sob a defesa de mais segurança nas escolas, a vigilância do trabalho docente se coloca, por sua vez, através de confrontos indiretos, sendo justificada através do argumento da segurança, pois visa que algumas pessoas tenham acesso à escola para “proteger” estudantes, docentes e servidores. Todavia, essas práticas contínuas de controle e desconfiança integram o cotidiano escolar, mirando na figura docente. Nesse cenário, o/a professor/a é colocado/a sob suspeita por seu modo de falar e por temas que propõe em aula. A partir das entrevistas, é possível identificar uma série de mecanismos, explícitos ou sutis, que configuram esse ambiente de controle:

Já teve mãe que ligava para a filha, via WhatsApp, deixava a chamada aberta e ela ficava em casa ouvindo a aula. Ela falou isso na reunião de pais. Não foi que eu soube de alguém, a própria mãe falou. (Professor/a, Salvador)

Evidencia-se um tipo de vigilância que, embora seja exercida em nome da proteção ou da moral, compromete a liberdade de cátedra e transforma o ato de ensinar em um exercício

defensivo. A/O docente vira alvo e tem sua prática controlada, principalmente, pelas famílias:

Então, a gente só vai tirar o celular dessas crianças quando tiver câmeras aqui porque a mãe tá mandando, principalmente as crianças pequenas, a criança filmar, a criança gravar. (Mãe de aluna/o, Florianópolis)

Dessa forma, a avaliação sobre o que pode ou não ser ensinado deixa de ser pedagógica e passa a ser política, moral, ou ideológica — ainda que mascarada por argumentos de “bom senso”, “neutralidade” ou “respeito à família”. O desejo de segurança atravessa a comunidade escolar, e é a partir dessa ambiguidade que o conservadorismo avança: ao capturar a demanda legítima por proteção e transformá-la em plataforma para vigilância e silenciamento. Ao contrário de uma regulação institucional transparente, o que se observa é a consolidação de um ambiente de censura e desgaste, em que a atuação de docentes é permanentemente regulada por expectativas externas e por um ideário conservador que, por vezes, circula e se fortalece nas próprias redes da comunidade escolar. É por meio desse cruzamento entre segurança e vigilância que se tornam visíveis as formas contemporâneas pelas quais o conservadorismo opera dentro da escola, não por uma imposição vertical, mas através de um controle difuso, legitimado, muitas vezes, em nome do cuidado e da proteção. Assim, a defesa da segurança, que sempre será legítima devido à realidade da violência no Brasil, é transformada em ataque à autonomia de professoras e professores.

Palavras-chave: Conservadorismo; Segurança; Vigilância.

Referências

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. Tradução de Vinicius Figueira. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

LACERDA, M. B. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LIMA, Iana Gomes de *et al.* O vocabulário do conservadorismo na educação brasileira: um glossário em construção. **Currículo sem Fronteiras**, v. 25, e1140, 2025.



PINHEIRO-MACHADO, Rosana; VARGAS-MAIA, Tatiana (Eds.). **The Rise of the Radical Right in the Global South.** Abingdon: Routledge, 2023.

SANAHUJA, José Antonio; BURIAN, Camilo López; VITELLI, Marina. (2023). The rise of the new far right in Latin America: Crisis of Globalization, Authoritarian Path Dependence and Civilian-Military Relations. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana;

VARGAS-MAIA, Tatiana (Eds.). **The Rise of the Radical Right in the Global South.** Abingdon: Routledge, 2023.